



Localizado na 703/903 Sul, o prédio do IHGDF funciona quase como um museu, reunindo peças que contam a trajetória de JK à frente do DF

# Testemunho vivo da história da capital

**\ Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal completa 45 anos e abre as portas descontinando material que registra momentos cruciais da formação de Brasília**

» ELISA TECLES

**E**m quase meio século, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF) acumulou centenas de lembranças da construção de Brasília. São fotografias, documentos e livros, muitos deles datados das décadas de 1950 e 1960. O IHGDF acaba de completar 45 anos e comemorou a data com uma reunião entre pioneiros, políticos e personalidades da capital na noite de ontem. O tema escolhido para o encontro foram os 45 anos da cassação do ex-presidente Juscelino Kubitschek. O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony falou aos presentes sobre a trajetória de JK.

Em 8 de junho de 1964, JK perdeu os direitos políticos e começou a se preparar para deixar o país. Com a ajuda do atual presidente do IHGDF, coronel Affonso Heliodoro, Juscelino viajou rumo a Paris. Na época, JK estava de olho na campanha para as eleições de 1965, mas o golpe militar acabara de mudar os rumos do país. "Cassaram o maior brasileiro que esse Brasil já teve. Ele fez a capital mais moderna do mundo e deixou o país em pleno desenvolvimento", disse Heliodoro.

Juscelino está entre os mais ilustres homenageados. O coronel Heliodoro administra o acervo e os projetos do IHGDF, criado em 3 de junho de 1964 para preservar a história da capital. Só 13 anos depois, o instituto viria a

concluir a obra do prédio que ocupa até hoje, na 703/903 Sul. Na época, houve um concurso para escolher o projeto do prédio e o vencedor foi o arquiteto Milton Ramos.

Cerca de 100 pessoas fazem parte do instituto. São geógrafos, historiadores e intelectuais que defendem o projeto original de Brasília. O patrono do grupo é Juscelino Kubitschek, nome escolhido ainda na década de 1960.

Nos anos 60, o acervo do instituto já passava de dois mil objetos, documentos e fotografias. Entre os destaques, havia a cadeira de onde o presidente JK assistiu à primeira missa e uma arca de madeira usada na Missão Cruls para guardar mapas. Os visitantes também podem conhecer o jipe Maracangalha, que serviu à Novacap e transportou JK. Há ainda uma réplica da fachada de uma antiga casa de JK e roupas usadas por ele.

O jornalista e vice-presidente do IHGDF, Jarbas Marques, trabalha pela preservação da memória de Brasília desde a época da inauguração, em 1960. Ele fazia reportagens sobre a mudança da capital, criticada por diversos setores naquele tempo. A participação de Jarbas em ações do IHGDF começou nos anos 60, e há pouco mais de 10 anos ele passou a integrar o grupo oficialmente. "O instituto é uma luta de pessoas envolvidas na educação e preservação da história e da geografia da capital", comentou.

{ ENTREVISTA } CARLOS HEITOR CONY

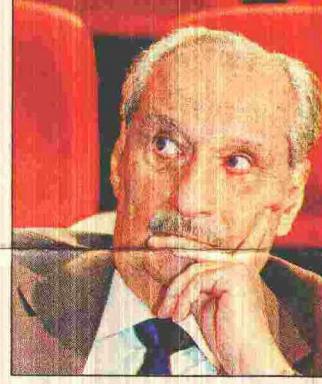
**A convivência do senhor com JK começou na Manchete?**

Eu entrei na revista já para trabalhar no projeto JK, porque estavam em processo as memórias dele, mas precisava de um texto final, de um editor de texto final. Então, o Adolpho Bloch, dono da Manchete e editor das memórias, me chamou e me apresentou a JK. Foi quando eu o conheci, em 1969. Antes disso, não conhecia JK. Trabalhei com ele de 69 a 76, até a morte dele. Nos tornamos amigos. Eu já o admirava e passei a admirá-lo mais ainda. Quando eu conheci JK, ele já tinha sido presidente da República, já tinha feito Brasília. Já tinha feito uma revolução pacífica no Brasil. Ele mexeu com a vida de todos os brasileiros, inclusive com a minha. A classe média brasileira ressurgiu depois de JK. Tivemos acesso aos carros nacionais, às estradas. Agora, de qualquer maneira, em 68 veio o Ato Institucional 5 — em 13 de dezembro de 68. Eu fui preso nesse dia e JK foi preso no dia seguinte.

**JK morreu sem ver a volta da democracia no Brasil. A luta dele contribuiu para a retomada?**

É um lugar-comum da história dizer que a redemocratização começou com o enterro de JK. É preciso ver que, quando ele morreu, o governo ficou muito temeroso de considerar aquilo um fato nacional. Só decretaram luto oficial depois do meio-dia do dia seguinte. Havia um medo muito grande de que o povo tivesse uma reação. Agora, apesar de o governo se omitir, o povo se mani-

Zuleika de Souza/CB/D.A Press



festou. Tanto no Rio quanto, principalmente, em Brasília. Aí realmente foi a primeira manifestação livre que o povo teve depois da ditadura. Nesse, em particular, pode-se dizer que a morte de JK foi o início da redemocratização do Brasil.

**Se não tivesse havido a cassação, até onde JK teria ido?** Bom, aí os fatos históricos continuaram. O Castelo Branco fechou os partidos, anulou as eleições. Mas, se o processo eleitoral continuasse, se o calendário eleitoral tivesse continuado, como o próprio Castelo prometeu a Juscelino, JK voltaria tranquilamente à presidência em 1965.

**E o que ele teria feito nesse novo mandato?**

Ele se culpava muito de não ter dado à agricultura uma prioridade grande. Ele deu mais importância à indústria e às estradas, ao desenvolvimento em geral. Ele tinha um plano organizado, já em fase de acabamento, para fazer na agricultura a mesma revolução que fez na parte industrial.